

O TEATRO DOS GÊNEROS: O FEMININO NA TRAGÉDIA CLÁSSICA GREGA

José Brito da Silva Filho; Joaquim dos Santos; Carlos André Silva do Vale, José Cláudio Leôncio Gonçalves

EEEP Maria Violeta A. de Alencar Gervaiseau. E-mail: jbsfig@gmail.com; Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: c.joaquimsantos@yahoo.com.br; Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. E-mail: carlosdovale7@gmail.com; EEEP Governador Virgílio Távora. E-mail: claudioleonciojg@gmail.com;

Resumo: O presente trabalho se propõe a analisar a representação do feminino na Tragédia Clássica Grega, tomando como objeto de análise as personagens Clitemnestra de Ésquilo, Antígona de Sófocles e Medeia de Eurípedes. O estudo problematiza como cada um desses dramaturgos construiu dramaturgicamente seu discurso em torno de suas personagens, uma vez que a conjuntura social e política da Grécia clássica condicionava a mulher a um lugar periférico, um papel de coadjuvante, no que concerne a vida político-social da Hélade. A pesquisa lança um olhar provocador sobre a forma como estes autores construiriam suas personagens e o discurso presente em suas narrativas, bem como o sistema de representações presentes em sua dramaturgia, percebendo, assim, as referências e interferências do contexto histórico e social no qual estavam inseridos. Partindo da análise do discurso feito pelos autores, este estudo busca discutir as interfaces geradas entre história e teatro, na medida em que o objeto de estudo aqui apresentado, a literatura dramática destes três expoentes dramaturgos da Grécia Antiga, revela um recorte preciso do formato de sociedade existente naquele período da história.

Palavras-chave: Teatro, Dramaturgia, Gênero, Feminino, História.

Introdução

Neste trabalho, pretendemos analisar a visão sobre o feminino na tragédia clássica Grega, tomando como objeto de análise as personagens Clitemnestra de Ésquilo, Antígona de Sófocles e Medéia de Eurípedes.¹ Colocamos em destaque como cada um desses autores construiu dramaticamente suas personagens, uma vez que a conjuntura social e política da Grécia Clássica condicionava a mulher à um espaço de marginalidade, pois a figura feminina não dispunha de papel relevante dentro dessa sociedade, especialmente no que concerne à vida política da Hélade.

Metodologia

Para compreender como cada um dos dramaturgos citados construiu dramaturgicamente seu discurso em torno de suas personagens, fazemos uso da análise de discurso sobre suas obras.

¹ Ésquilo dramaturgo da Grécia Antiga, mais antigo entre os trágicos gregos e considerado o pai da tragédia. Sófocles foi um dramaturgo grego, sendo um dos mais importantes tragediógrafos de todos os tempos. Eurípedes, poeta trágico grego, foi o mais novo entre os grandes expoentes da tragédia grega clássica.

Outrossim, problematizamos os contextos em que foram produzidas e as representações construídas sobre o feminino. Assim, estreitamos os diálogos entre a história e o teatro.

Resultados e Discussão

Tomamos como ponto de partida para nossa análise, a personagem Clitemnestra de Ésquilo na Oréstia. Clitemnestra, mulher do herói grego Agamêmnon, nutre em seu coração o desejo de vingança contra o esposo, por este ter assassinado sua filha Ifigênia, em sacrifício aos deuses para que os mesmos apaziguassem sua ira e, assim, os gregos pudessem zarpar em direção à Tróia.

Clitemnestra, no mais íntimo do seu coração, não aceita a decisão do rei, tramando por dez anos sua vingança. Ela alia-se e torna-se amante de Egisto, sobrinho de Agamêmnon, que odeia o rei por este ter matado seu pai e irmãos. Juntos matam o rei fazendo deste o novo rei de Argos.

Clitemnestra tinha convicção de agir de acordo com as leis antigas, do matriarcado. Dessa forma, ela estava fazendo justiça ao seu sangue derramado, uma vez que via na sua filha a extensão de si mesma.

Clitemnestra – Pretendes pôr à prova os sentimentos meus como se fosse uma mulher desatinada; censuras ou me louvas tanto faz. Quem jaz aí é Agamêmnon, meu esposo, morto por obra desta minha mão direita, guiada só pela justiça; tenho dito.

Coro – Mulher! Que erva má terás provado, criada pela terra, ou beberagem das ondas agitadas te infundiu tanta ousadia para tal delito e para fazer a maldição pronunciada pela gente argiva? Tu o traíste, tu o golpeastes! Serás banida, estou falando claro ao coração impávido; entenda-me quem for capaz; e quanto a ti se viverás sem pátria, alvo do ódio unânime do povo!

CLITEMNESTRA - agora me condena ao amargo exílio, ao ódio da cidade, à maldição do povo, mas contra esse homem nada foi falado. No entanto ele, sem escrúpulos, sem ódio, indiferente como se lidasse com algum irracional (e havia numerosos em velosos e cuidadíssimos rebanhos) sacrificou a sua própria filha e minha -, a mais querida que saiu deste meu ventre, apenas para bajular os ventos trácicos! Não era esse pai cruel quem merecia ser desterrado, expulso em retribuição ao crime inominável?... (ÉSQUILO, 2000, p. 72).

Clitemnestra, diferente de Antígona e Medéia, não é a personagem central da Oréstia. Ao contrário, sua figura é colocada pelo autor como representante do matriarcado em contraposição ao patriarcado que dominava o pensamento grego daqueles dias. Ésquilo, através de Clitemnestra, expressa exatamente sua visão em relação à mulher, ligando-a a algo superado. Sua personagem representava as trevas em dissonância com a luz advinda, com o patriarcado expresso na pessoa de Agamêmnon e dos deuses do Olimpo.

A personagem é rica de conflitos, tornando-a repleta de nuances. Isso lhe dá tonicidade e densidade dramática, ao passo em que faz dela um personagem complexo e necessário na construção dramática da Oréstia. Clitemnestra dá movimento, ritmo à ação dramática.

Em Ésquilo, a ação dramática não transcorre a partir das personagens, como podemos observar na Oréstia, o coro é quem vai conduzir as ações de forma narrativa. O desencadeamento dos acontecimentos ainda que mais sequências não são movidos exclusivamente pelas personagens, como poderemos observar nos dramaturgos posteriores, o que não implica que a obra de Ésquilo torne-se menor.

Partamos agora para Antígona de Sófocles. Antígona, Filha de Édipo, trazia sobre si a maldição dos labidácidas e, viu de forma trágica, seus dois irmãos Eteócles e Polínice matarem um ao outro em combate pelo trono de Tebas.

Creonte, rei dos tebanos, presta ao seu irmão Eteócles os ritos fúnebres, deixando sem enterro seu outro irmão Polínice, cometendo, assim, uma desonra e uma afronta as leis antigas. Sófocles, assim como Ésquilo, põe em questão a relação antagônica entre patriarcado e matriarcado ao desrespeitar tal costume. Mas, diferente da Oréstia, esse confronto se emprega na relação: leis do estado e consciência individual. Segundo Jonito Brandão:

Para nós, Antígona é a oposição de duas normas jurídicas: athemistia, a ilegalidade de uma decisão, cifrada em Creonte, que representa uma polis especial, a pólis sofista, em contraposição a thêmis ou nômós, inserida na decisão de Antígona, que representa a religião, a consciência individual (BRANDÃO, 1985, p. 53).

Antígona, tomada pelo censo de justiça, infringe a edito baixado pelo rei, e faz o enterro de seu irmão, trazendo sobre si à ira de Creonte e a força do próprio Estado. Antígona é uma personagem que revela ao expectador uma vontade construída a partir do sofrimento. A densidade dramática presente na personagem, seus conflitos interiores, suas aflições substanciam sua vontade dando tons ao conflito que permeia sua existência enquanto personagem.

Ainda que não tenha sido escrita por Eurípedes, a versão em estudo, a personagem de Antígona, assim como as personagens euripedianas, é movida por uma paixão. O amor pelo irmão e o zelo pelas leis antigas.

Creonte – Ó tu, de olhar amarrado ao chão, confessa ou negas ter feito o que ele te afirma?
Antígona – Confesso sim! Não nego coisa alguma!
Creonte - ... Fala tu, agora; mas fala sem demora! Sabias que eu havia proibido, por uma proclamação, que fizestes?
Antígona – Sim, eu sabia! Nem o poderia ignorar, pois era coisa pública!
Creonte – E com tudo, tivestes a ousadia de desobedecer a essa determinação?

Antígona – Sim, pois não foi decisão de Zeus; e a justiça, a deusa que habita com as divindades subterrâneas jamais estabeleceu tal decreto entre os humanos; tão pouco acredito que tua proclamação tenha legitimidade para conferir a um mortal o poder de infringir as leis divinas, nunca escritas, porém irrevogáveis; não existem a partir de hoje; são eternas, sim! Que vou morrer bem o sei; é inevitável; e morrerei mesmo sem o teu decreto. E para dizer a verdade, se morrer antes do seu tempo, será para mim uma vantagem! Quem vive como eu, envolta em tanto luto e desgraça, que perde com a morte? Por isso, a sorte que me reservas é um mal de pouca monta; muito mais grave seria aceita que um filho de minha mãe jazesse insepulto; tudo o mais me é indiferente! Se julgas que cometi um ato de demência, talvez mais louco seja quem me acusa de loucura! (SÓFOCLES, 2003, p. 95-96).

Aqui, vemos duas concepções bem definidas, uma pela figura masculina de Creonte, ou por assim dizer, do próprio estado grego, permeada por uma nova concepção vigente na polis grega, do novo arregimentado pelos deuses do olimpo, e outra, a de Antígona, defensora das tradições antigas, representando a antiga deusa mãe. Tendo assim, duas forças que se opõem. Antígona age e move-se pelo seu desejo, escolhe o caminho que vai seguir consciente de todas as implicações de sua decisão, não é mais a mão onipotente dos deuses que a conduz, mas é levada pela sua consciência, por sua própria vontade, ela é senhora de si mesma, de suas decisões e escolhas.

Sófocles constrói uma personagem de personalidade latente, complexa e empoderada, dona de sua vontade e consciente das leis que orientam o mundo grego de então, pois transitando da adorável e indefesa jovem à mulher forte, firme e decidida em seus propósitos.

Percebemos em Antígona, no conceito Aristotélico de herói, uma personagem (herói) de valor, que em nada deixa a desejar aos heróis trágicos das demais tragédias gregas. Esse é um ponto a ser observado tendo em vista o papel reservado à mulher dentro da sociedade grega.

Adentremos agora no universo de Eurípedes, autor grego contemporâneo de Sófocles. Ele também escreve uma dramaturgia em que o seu personagem principal, seu herói trágico, não é mais a figura essencialmente masculina, como predominante em Ésquilo e Sófocles. Ele faz de suas mulheres suas protagonistas.

Outro fator a se observar na dramaturgia Eurípedes, é que este muda a estrutura da tragédia. Segundo Junito Brandão:

... o autor de Hécuba tomou uma posição de rebeldia contra as tradições teatrais, não só quanto as fontes e critérios de inspiração, mas também no tocante à estrutura da tragédia. O trágico inovador procurou substituí-las pelos rugidos das paixões e arrebatamentos afetivos, em cuja descrição é mestre consumado. Fazendo a tragédia descer do Olimpo para as ruas de Atenas, Eurípedes secularizou-a, fundindo-se assim a linguagem da Ágora com a do Pireu. Se é verdade que em Ésquilo as personagens existem em função da fábula e em Sófocles a fábula existe em função das personagens, em Eurípedes, personagens e fábula são elaboradas em função phátus, em que “Erus” objetivos de Ésquilo e Sófocles foi

substituído pelo subjetivo. Em outros termos, a paixão amorosa, tão ausente em Ésquilo e Sófocles, há de ser a mola-mestra do drama euripídiano (BRANDÃO, 1987, p. 59).

Partindo do exposto por Brandão, adentremos agora no contexto dramático de Eurípedes, especificamente em torno do mito de Medéia. Medéia é a história de uma mulher que movida pela paixão foi capaz de chegar ao inimaginável. Levada por esse sentimento usou de todos os subterfúgios para que o seu amado pudesse lograr o sucesso que desejava.

Poderíamos pensar que Medéia, por mover-se levada por sua paixão, viveria à sombra de Jasão, sendo uma personagem secundária condicionada à vontade deste. Pelo contrário, Eurípedes concebe uma personagem completamente independente, viva e única.

Medéia – Amigos, mi na ação está decidida. Matarei meus filhos imediatamente e logo me irei daqui. Não deixarei que os inimigos detenham meus filhos e os entreguem às mãos dos carneiros. Eles devem morrer, e, com isso é inevitável, eu mesma, a mãe que os gerou devo matá-los. Endurece coração meu! Fica insensível. Não permita que eu hesite em realizar esse horror determinado. Vem, pega a espada mão desgraçada, segura-a firme e dá o primeiro paço para recomeçar tua existência amaldiçoada (EURÍPEDES, 2004, p. 77).

Diferente de Antígona, como analisada anteriormente, Medéia não se enquadra no conceito aristotélico. Segundo Brandão:

Seria impossível, na realidade, conceber como herói trágico, dentro dos moldes aristotélicos, alguém que não seja “como nós”, por que não se pode sentir terror e piedade por esse tipo de personagem. Arrebatada, cruel, extremada e sanguinária, Medéia é uma figura trágica, muito mais que uma heroína trágica. Talvez mais uma vítima trágica que um agente trágico. O que aliás, está nos planos de Eurípedes, cujo drama tem sua razão de ser num mundo de paixões, misérias e loucuras (BRANDÃO, 1987, p. 64).

Medéia traz em si todas as contradições pertinentes ao ser humano.

Medéia – Não seja covarde. Esquece que são teus filhos, como te são caros. Que tu o paristes – que és mãe deles. Por um breve momento esquece isso tudo, age, e lamenta depois. Pois, embora vá eliminá-los, eles são a minha carne, me fazem toda pranto. (EURÍPEDES, 2004, p. 77)

É nesse ponto que a personagem de Eurípedes assume contornos de realidade, pois causa em cada um de nós o reconhecimento de sentimentos análogos aos de sua protagonista.

Conclusões

Quando observamos personagens femininas que fogem do papel socialmente reservado a estas, rompendo com seu lugar de inércia, insurgindo-se contra o Estado, o homem, as leis, as normas estabelecidas, percebemos assim uma nova atitude perante o feminino.

A mulher, como observado anteriormente, não era um ser social, no sentido de representação política, não dispoñdo de determinados direitos, nem tampouco, voz ativa na sociedade. Ela não gozava de cidadania, não fazia parte da pólis, no que concerne ao ser político grego, que tanta importância exercia dentro da conjuntura política e social da Grécia daqueles dias.

Quando Aristóteles, em sua Poética, afirma que o tragediógrafo por excelência é aquele que traz à cena a história de homens bons, homens de espírito elevado, ele não se refere de forma genérica ao termo homem como algo correspondente a todos os seres humanos. Este não compreende e ou aceita a tragédia de outra forma, as histórias a serem contadas deveriam ser de homens bons e não de mulheres.

O papel feminino, dentro da tragédia grega, como podemos observar em Sófocles, Esquilo e Eurípedes, principalmente neste último, vai tomando nova dimensão na medida que é em torno da história de mulheres que se desenrolam os acontecimentos. São elas que movimentam a trama, geram os conflitos, tencionam as situações chaves e permitem que o enredo se desenrole.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Souza. Teatro Grego/; tragédia e comédia. Petrópolis: Vozes, 1985.

ÉSQUILO. Oréstia/Ésquilo; tradução do grego. Introdução e notas, Mário Gama Kury. – 5 ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

EURÍPEDES. Medéia/Eurípedes; tradução Millôr Fernandes. – São Paulo: Civilização Brasileira, 2004.

SÓFOCLES. Antígona; tradução Editora Martin Claret. – São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.